

8.03.99 – Artes

## ARTE E FEMINISMO: AS EXPOSIÇÕES DO MASP E DA PINACOTECA E A VISIBILIDADE DAS NARRATIVAS FEMINISTAS

Andressa Couto Nora<sup>1</sup>, Amanda Saba Ruggiero<sup>2</sup>

1. Estudante do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP)

2. Professora e Pós-doutoranda do IAU-USP/ Orientadora

### Resumo

O projeto de pesquisa analisa o tema arte e feminismo nos museus de São Paulo, em especial o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand e a Pinacoteca de São Paulo. No MASP, como parte do projeto “Histórias das mulheres, histórias feministas”, realizou-se a partir de 2018 os seminários sobre arte e feminismo ocorridos na sede do próprio museu. Desse modo, a pesquisa tem como objetivo principal analisar de que maneira os museus incorporaram o tema mulheres em suas exposições com base numa abordagem comparada, considerando os assuntos debatidos pelos seminários, de modo a avaliar se o discurso inclusivo dos museus está alinhado às práticas institucionais. O estudo se concentra em duas exposições: “Mulheres radicais: arte latino-americana (1960-1985)” e “Histórias das Mulheres” para debater como se deu o processo curatorial em ambos os casos, quais as semelhanças e diferenças nas abordagens de cada mostra e quais referências e artistas foram contempladas.

**Palavras-chave:** Representação feminina; Museus; Acervo

**Apoio financeiro:** Programa Unificado de Bolsas de Estudo da Universidade de São Paulo

**Trabalho selecionado para a JNIC:** USP

### Introdução

O desenvolvimento do trabalho foi motivado pela disparidade quantitativa e qualitativa da presença e representação feminina nos museus, como expôs o coletivo de artistas estadunidense *Guerrilla Girls* em 2017. O coletivo apontou para as estatísticas do MASP, destacando o fato de que, em 2017, apenas 13% das obras totais do acervo eram de artistas mulheres e que apenas 6% dos artistas do acervo em exposição eram mulheres, mas 60% dos nus eram femininos. Nessa perspectiva, é importante pensar quais espaços foram concedidos às mulheres no campo da arte no decorrer dos anos. Linda Nochlin em seu artigo *Why have there been no great women artists?* aborda, nos anos de 1970, os motivos pelos quais existem lacunas sobre a presença das mulheres artistas na história. Ela coloca como um dos mecanismos que levaram a essa invisibilidade a exclusão feminina dos principais campos artísticos ao longo dos séculos XVIII e XIX.

Conforme Brenda Cocotle (2019, p.4) no seu texto *Nós prometemos descolonizar o museu: uma revisão crítica da política museal contemporânea*, na tentativa de “desmontar o arcabouço colonial”, os museus passaram a incorporar iniciativas com foco em políticas de identidade e representatividade. Dessa maneira, a pesquisa se debruçou no estudo de duas exposições, realizadas entre 2018 e 2019 que dão visibilidade à produção artística de mulheres brasileiras e internacionais, de modo a perceber de que maneira as relações entre arte e ativismo; arte e feminismo foram abordadas pelas artistas das obras e como se deu o processo curatorial, além do modo como os dois museus se empenharam na tentativa de conceder uma maior visibilidade às narrativas feministas.

Foram objetivos específicos do trabalho: Pesquisar e discutir bibliografia referente a arte e feminismo, com abordagens voltadas aos temas gênero e ativismos e teorias feministas; Analisar as relações entre as propostas pensadas pelos seminários e as ações dos museus; Estudar o processo curatorial e o projeto expográfico das duas exposições: “Mulheres radicais: arte latino-americana (1960-1985)” e “Histórias das Mulheres”;

### Metodologia

A pesquisa adotou o método teórico-investigativo com referências bibliográficas indicadas. Inicialmente, o trabalho consistiu **na leitura e no fichamento da bibliografia selecionada**, relativa aos seguintes assuntos: feminismo na arte, gênero e sexualidade na arte. Os dois principais textos de referência para o estudo foram *O Segundo Sexo* (1949) de Simone de Beauvoir e *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (1990) de Judith Butler. A partir dos estudos de Lucy Lippard (1976), aprofundou-se reflexões sobre a desigual dicotomia de gênero no mundo da arte entre os anos de 1960 e 1970. A autora discorreu sobre algumas discriminações que as mulheres vivenciavam como o não encorajamento nas escolas de arte; a sua

objetificação e o tratamento diferenciado. Maura Reilly (2018) também indicou as estratégias que podem ser utilizadas e que contribuem para a mudança na situação de desigualdade presente na arte. A continuação de curadorias e exposições femininas se configuram como elementos essenciais.

Posteriormente, realizou-se **o levantamento de dados das duas exposições, para estudar o processo e pesquisa curatorial, bem como a seleção de artistas e obras contempladas**. Esse levantamento utilizou as informações disponíveis no website dos museus bem como de outros textos e referências sobre as mostras. **Como parte do levantamento de fontes primárias, foram entrevistadas as curadoras Valéria Piccoli e Cecília Fajardo-Hill para a melhor compreensão da concepção e do projeto expográfico de *Mulheres Radicais***. O material levantado englobou também **uma pesquisa das mostras ocorridas nos museus nos últimos cinco anos. O levantamento estruturou-se com base em três principais critérios: tema, ano de realização e tipo de exposição (individual ou coletiva)**, assim o conjunto de dados foi analisado de modo a debater suas ações e de que forma estas dialogam ou não com a ampliação do espaço dedicado ao protagonismo feminino nas exposições.

## Resultados e Discussão

As exposições que foram realizadas, nos últimos anos, em ambos os museus, constituíram fator importante de análise. Tomando como base a Pinacoteca, a diretora Valéria Piccoli aponta, na entrevista, para um importante programa de exposições de revisão de carreira de artistas a partir de 1980 que englobam duas grandes retrospectivas por ano, quando o museu busca equilibrar a exibição de artistas homens e artistas mulheres. Com base nesse programa, desde os anos 2000, foram realizadas exposições de Carmela Gross, Ana Maria Tavares, Beatriz Milhazes, Jac Leirner, Rosângela Rennó, entre outras. No caso do MASP, também existe uma preocupação nesse sentido, visto que o ano de 2019 foi dedicado apenas às exposições de artistas mulheres. Houve mostras de Djanira da Motta e Silva, Lina Bo Bardi, Tarsila do Amaral, Anna Bella Geiger, Leonor Antunes, Gego, Catarina Simão, Jenn Nkiru, Akosua Adoma Owusu, Laura Huertas Millán e Anna Maria Maiolino.

O discurso inclusivo do MASP parece estar alinhado às práticas institucionais recentes, uma vez, que houve tanto um aumento significativo das obras de artistas mulheres presentes nos cavaletes (os dados foram de 6% para 25,5%) quanto um aumento de curadorias voltadas à visibilidade e protagonismo de artistas mulheres (de 2016 a 2020 das 59 exposições realizadas, 47,45% foram dedicadas às artistas mulheres). Em relação à presença feminina no acervo, a porcentagem (14,3%) ainda é pequena. Quanto à Pinacoteca, também houve um aumento da participação feminina no acervo (23%), contudo, a representação ainda é pequena em relação ao total de mostras realizadas (das 72 exposições ocorridas entre 2016 e 2020 apenas 23,61% foram de artistas mulheres). Assim, verificamos que ainda há uma grande defasagem na representatividade feminina, que necessita de uma postura permanente de equidade e participação em todas as instâncias museais.

Como forma de difusão desta pesquisa, a participação em eventos acadêmicos foi um importante desdobramento. O trabalho foi apresentado no 29º SIICUSP etapa internacional e obteve menção honrosa. Houve a elaboração do artigo *Exposição como corpo orgânico: a adaptação da mostra Mulheres radicais* selecionado para o 7º *Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus: Tecnologia e Descolonização*, realizado em novembro de 2021 de modo online. O artigo se concentrou na pesquisa curatorial de uma das exposições estudadas: “Mulheres radicais”, analisando o processo de adaptação da mostra em cada um dos museus em que ela ocorreu: Hammer Museum, em Los Angeles; Brooklyn Museum, em Nova York e a Pinacoteca do Estado de São Paulo, em São Paulo. O recorte selecionou três produções artísticas presentes na mostra, de modo a pensar o espaço em que cada obra se insere, procurando também relacionar as outras obras ao redor e de que modo isso altera ou não suas interpretações.

## Conclusões

No que tange às semelhanças entre as exposições, pode-se verificar a tentativa de ambas de recuperar nomes que foram apagados pela historiografia da arte, concedendo voz às muitas artistas anônimas tanto brasileiras quanto internacionais. Muitos temas também são recorrentes em ambas, como a opressão da vivência feminina, a sexualidade e as livres representações subjetivas. Há também o desejo das artistas contempladas em romper com construções sociais estabelecidas. Além disso, as exposições se cruzam em outros aspectos como a busca por técnicas de representação que fugiam daquelas estabelecidas. Grande parte das produções englobava performance, vídeo, dança, produção têxtil, e, em especial, a fotografia como forma de documentar realidades apagadas e/ou ignoradas (CARVALHO, CORDEIRO, 2020).

Nesse sentido, as exposições foram essenciais por trazer ao debate do público trabalhos pouco conhecidos e por contribuir com a aquisição de obras de artistas mulheres. Apesar dos esforços eventuais de uma programação específica dedicada às mulheres, a política dos museus deveria ser permanente e se estender por um período maior, de modo que a disparidade quantitativa e qualitativa da presença e representação feminina nos museus possa alcançar patamares mais igualitários, assim como defende Reilly em *Curatorial Activism: Resisting Masculinism and Sexism*. Além disso, reflexões sobre a construção discursiva

dos museus se colocam como um importante tema. Foucault (1996) se debruçou sobre o fato de haver uma perpetuação de um determinado discurso que se legitima enquanto procedimento no decorrer da história. Tal construção hegemônica traz consigo uma série de invisibilidades históricas, que precisam de revisão constantes.

### Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2.ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARVALHO, Ananda; CORDEIRO, Larissa Megre Wanderley. **Práticas curatoriais em exposições de artistas mulheres no Brasil**. PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais, Porto Alegre, RS, jan-jun. 2020. ISSN 2179-8001.

COCOTLE, Brenda Caro. **Nós prometemos descolonizar o museu: uma revisão crítica da política museal contemporânea**. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

LIPPARD, Lucy R. **From the Center: Feminist Essays on Women's Art**. New York: E. P. Dutton, 1976.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** 2. ed. rev. São Paulo: Aurora, 2016. Tradução de Juliana Vacaro.

REILLY, Maura. **Curatorial Activism: Resisting Masculinism and Sexism**. Texto produzido a partir da apresentação no segundo seminário *Histórias das Mulheres, histórias feministas* realizado no MASP, em parceria com a Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2018. Traduzido do inglês por Julia de Souza.